



Gottfried
LEIBNIZ

**DISCURSO
DE
METAFÍSICA**

Textos Filosóficos

edición 70

"16/17"

ÍNDICE

- 1 — Da perfeição divina e que Deus faz tudo do modo mais desejável 11
- 2 — Contra os que sustentam que não há bondade nenhuma nas obras de Deus, ou que as regras da bondade e da beleza são arbitrárias 13
- 3 — Contra os que crêem que Deus poderia ter feito melhor 15
- 4 — Que o amor de Deus exige uma inteira satisfação e aquiescência a tudo o que faz, sem que por isso se caia no quietismo 17
- 5 — Em que consistem as regras de perfeição da conduta divina, e que a simplicidade das vias está em relação com a riqueza dos efeitos 18
- 6 — Deus nada faz fora da ordem, e nem sequer é possível simular acontecimentos que não sejam regulares ... 20
- 7 — Que os milagres estão de acordo com a ordem geral, embora sejam contra as máximas subalternas; do que Deus quer ou permite, por uma vontade geral ou particular 22
- 8 — Para distinguir as acções de Deus e das criaturas, explica-se em que consiste a noção de uma substância individual 23

- 9 — Que cada substância singular exprime todo o universo à sua maneira e que na sua noção estão compreendidos todos os seus acontecimentos, com todas as suas circunstâncias e toda a série das coisas exteriores ... 26
- 10 — Que a opinião das formas substanciais tem algo de sólido; mas que estas formas não alteram em nada os fenómenos e não se devem empregar para explicar os efeitos particulares 28
- 11 — Que as meditações dos teólogos e dos filósofos conhecidos por escolásticos não são inteiramente desprezíveis 30
- 12 — Que as noções que consistem na extensão encerram algo de imaginário e não poderiam constituir a substância dos corpos 31
- 13 — Como a noção individual de cada pessoa encerra de uma vez por todas o que sempre lhe acontecerá, vêem-se nela as provas *a priori* da verdade de cada acontecimento, ou porque aconteceu um de preferência a outro; mas, estas verdades, embora seguras, não deixam de ser contingentes, visto que se baseiam no livre arbítrio de Deus, ou das criaturas, cuja escolha tem sempre as suas razões, que inclinam sem obrigar 32
- 14 — Deus produz diversas substâncias segundo as diferentes vistas que tem do universo e, pela intervenção de Deus, a natureza própria de cada substância faz com que o que acontece a uma responda ao que acontece a todas as outras, sem que actuem imediatamente umas sobre as outras 37
- 15 — A acção de uma substância finita sobre outra consiste apenas no aumento do grau da sua expressão, junto com a diminuição da da outra, na medida em que Deus as obriga a acomodar-se entre si 40

16 — O concurso extraordinário de Deus está compreendido no que a nossa essência exprime, pois esta expressão estende-se a tudo, mas ultrapassa as forças da nossa natureza ou da nossa expressão distinta, que é finita e segue certas máximas subalternas	42
17 — Exemplo de uma máxima subalterna ou lei da natureza em que se demonstra que Deus conserva sempre a mesma força, mas não a mesma quantidade de movimento, contra os cartesianos e vários outros ...	44
18 — A distinção da força e da quantidade de movimento é importante, entre outras coisas, para considerar que é preciso recorrer a considerações metafísicas alheias à extensão a fim de explicar os fenómenos dos corpos	48
19 — Utilidade das causas finais na física	49
20 — Memorável passagem de Sócrates, em obra de Platão, contra os filósofos demasiado materialistas... ..	52
21 — Se as regras mecânicas dependessem da geometria sem a metafísica, os fenómenos seriam muito diferentes...	54
22 — Conciliação das duas vias, a das causas finais e a das eficientes, para satisfazer tanto aos que explicam a natureza mecanicamente como aos que recorrem a naturezas incorpóreas	56
23 — Para voltar às substâncias imateriais, explica-se como Deus age sobre o entendimento dos espíritos, e se se tem sempre a ideia do que se pensa	58
24 — O que é um conhecimento claro ou obscuro, distinto ou confuso, adequado e intuitivo ou supositivo; definição nominal, real, causal, essencial	60
25 — Em que caso o nosso conhecimento se une à contemplação da ideia	63

26 — Que temos em nós todas as ideias; e da reminiscência de Platão	63
27 — Como pode a nossa alma ser comparada a tabuinhas vazias, e como as nossas noções vêm dos sentidos ...	66
28 — Só Deus é o objecto immediato de nossas percepções, que existe fora de nós, e só ele é a nossa luz... ..	67
29 — Todavia, pensamos com as nossas próprias ideias e não com as de Deus	69
30 — Como Deus inclina a nossa alma sem a obrigar; que não se tem o direito de se queixar; que não há que perguntar porque é que Judas peca, mas somente porque é que Judas, o pecador, é admitido à existência, de preferência a algumas outras pessoas possíveis. Da imperfeição original antes do pecado, e dos graus da graça	70
31 — Dos motivos da eleição, da fé prevista, da ciência média, do decreto absoluto, e que tudo se reduz à razão pela qual Deus preferiu a existência de uma determinada pessoa possível, cuja noção encerra uma tal série de graças e de acções livres; o que faz cessar, de uma vez, as dificuldades	74
32 — Utilidade destes princípios em matéria de piedade e de religião	77
33 — Explicação da união da alma e do corpo, que passou por inexplicável ou por miraculosa, e da origem das percepções confusas	79
34 — Da diferença dos espíritos e outras substâncias, almas ou formas substanciais; e que a immortalidade que se procura implica a recordação... ..	81
35 — Excelência dos espíritos e que Deus os considera de preferência às outras criaturas. Que os espíritos exprimem mais Deus que o mundo, mas que as outras substâncias simples exprimem mais o mundo que Deus	84

36 — Deus é o monarca da mais perfeita república, composta de todos os espíritos, e a felicidade desta cidade de Deus é o seu principal desígnio 86

37 — Jesus Cristo manifestou aos homens o mistério e as leis admiráveis do reino dos céus e a grandeza da suprema felicidade que Deus prepara para os que o amam 88